

REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE (1996-2009): ONDE ESTÃO OS JOVENS EDUCANDOS NEGROS?

Análise de Jesus da Silva¹

1 A Pesquisa

Neste artigo trazemos parte de resultados de uma pesquisa denominada Estado do Conhecimento sobre Educação de Jovens e Adultos, Tecnologias da Informação e da Comunicação e suas interfaces na Região Metropolitana de Belo Horizonte no período de 1996 a 2009². O campo teórico e prático da EJA é vasto e mantém numerosas interfaces com temas correlatos. Nesta pesquisa, avaliamos os estudos relativos à educação formal ou informal, escolar e extra-escolar, compreendendo trabalhos que abordam as concepções, metodologias, práticas e especificidades dessa modalidade de Ensino na Educação Básica. Assim, entendemos que, se ao longo da última década as políticas públicas de educação escolar no Brasil trataram como prioridade a universalização do acesso e permanência de crianças e adolescentes no Ensino Fundamental, o quadro educacional brasileiro ainda se mostra bastante insatisfatório quanto à garantia dos direitos, e um de seus grandes desafios continua sendo oferecer Educação Básica aos jovens e adultos que a ele não tiveram acesso ou não conseguiram concluí-lo com êxito, marcando, em qualquer uma das formas, a negação do direito à educação.

¹ Análise Da Silva é Doutora em Educação, Professora adjunta do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino da Faculdade de Educação da UFMG, Coordenadora do Curso de Pós-Graduação Especialização Lato Sensu em Docência da EJA na Educação Básica: juventudes presentes na EJA. analisedasilva@ufmg.br

² Pesquisa fomentada pela Fundação de Amparo à **Pesquisa** do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG)

Segundo HADDAD (2007), “é importante salientar, ainda, novas e criativas formas de organização da sociedade na luta pelos direitos educacionais dos jovens e adultos”. Nessa perspectiva, este estudo permitiu sistematizar o campo de conhecimento da EJA, reconhecer os principais resultados da investigação, identificar temáticas e abordagens dominantes e emergentes, bem como lacunas e campos, ainda por explorar, abertos a necessária pesquisa futura.

Por aderirmos à Educação com Qualidade Social não podemos nos furtar a admitir que a educação vem sendo utilizada com frequência para sanar desafios econômicos e de mercado. Entendemos por qualidade social aquela que

... implica providenciar educação escolar com padrões de excelência e adequação aos interesses da maioria da população. Tal objetivo exige um grande esforço da sociedade e de cada um para ser atingido, avaliando as dificuldades impostas pela atual conjuntura. De acordo com essa perspectiva, são valores fundamentais a serem elaborados: solidariedade, justiça, honestidade, autonomia, liberdade e cidadania. Tais valores implicam no desenvolvimento da consciência moral e de uma forma de agir segundo padrões éticos. A educação de qualidade social tem como conseqüência a inclusão social, através da qual todos os brasileiros se tornem aptos ao questionamento, à problematização, à tomada de decisões, buscando as ações coletivas possíveis e necessárias ao encaminhamento dos problemas de cada um e da comunidade onde vivem e trabalham. Incluir significa possibilitar o acesso e a permanência, com sucesso, nas escolas, significa gerir democraticamente a educação, incorporando a sociedade na definição das prioridades das políticas sociais, em especial, a educacional. (2º CONED, 1997)³

Assim, buscamos reflexos das políticas de EJA, quanto à presença de jovens educandos negros nessa modalidade, nas

³ CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2, 1997, Belo Horizonte. Plano Nacional da Educação: proposta da sociedade brasileira. Disponível em <http://www.adusp.org.br/files/PNE/pnebra.pdf>. Acesso em: 03/04/2011.

produções acadêmicas nos campos do conhecimento da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), do período entre 1996 e 2009. E o fizemos a partir de uma reflexão crítica e sistemática sobre práticas educativas no contexto social brasileiro, uma vez que os Programas de Pós-Graduação em Educação das Instituições de Educação Superior (IES) estudados têm por finalidade básica contribuir para o desenvolvimento da educação brasileira, através do aprofundamento de estudos, da realização de pesquisas e da produção de teorias que concorram para o avanço do saber e do fazer educativos.

2 A Motivação

Os comentários e a prática dos educadores na modalidade da Educação Básica no Ensino Fundamental (EF) e no Ensino Médio (EM) na Sala dos Professores, confessando a dificuldade de trabalhar com jovens, em especial, no que tange à docência com educandos da EJA e creditando, quer essa sua dificuldade, quer a negação da condição de sujeito desses educandos, a uma lacuna na formação inicial que receberam nas Licenciaturas, reforçam o significado que atribuímos à busca pelos trabalhos realizados nesse campo temático, e justifica nossa escolha por esse tema de pesquisa. Dessa forma, avaliamos que construir o Estado do Conhecimento da produção acadêmica no campo da EJA na RMBH contribui para a construção de possibilidades de abertura para novos horizontes de pesquisas nesse campo onde educadores e educandos convivem e permutam a construção de processos de educação. Torna-se importante, então, ressaltar a criatividade desta investigação, uma vez que a bibliografia acerca do tema, frisamos, é escassa.

Em trabalho apresentado na V CONFINTEA, CAVANAGH (1997) demonstra que um dos desafios apontados naquele momento refere-se a possibilidades de fazer das numerosas mudanças observadas na Educação de Jovens e Adultos, oportunidades para melhorar a participação e a prática dos sujeitos nela inseridos.

O recorte de pesquisa apresentado neste artigo estudou as produções acadêmicas nos campos do conhecimento da Educação de Jovens e Adultos tentou responder que aspectos e dimensões foram destacados e privilegiados desde a promulgação da Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para compreender, de que formas e em que condições têm sido produzidas dissertações e teses nessa área do conhecimento, privilegiando a presença de jovens negros como educandos da EJA.

Dialogando com Soares, em Alfabetização no Brasil: estado do conhecimento, ao se propor a organizar pesquisas produzidas na área de Alfabetização - período de 1954 a 1986 - lembramos que essa compreensão do estado de conhecimento sobre o tema da EJA, nesse momento:

é necessária no processo de evolução da ciência, a fim de que se ordene periodicamente o conjunto de informações e resultados já obtidos, ordenação que permita indicação das possibilidades de integração de diferentes perspectivas, aparentemente autônomas, a identificação de duplicações ou contradições, e a determinação de lacunas e vieses. (SOARES, 1989, p. 3)

Buscamos, então, compreender, de que formas, em que medida e em que condições a temática da juventude negra presente na EJA tem sido investigada. A pesquisa consistiu na identificação, catalogação e análise das dissertações e teses.

3 A Metodologia

Empregamos uma metodologia de caráter inventariante, bibliográfico, documental e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema investigado, à luz de categorias e da especificidade que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno da produção no campo foi analisado. Importante esclarecer que utilizamos, como elementos de auxílio ao trabalho de pesquisa, os resultados objetivos obtidos em levantamentos estatísticos sobre os quais nos debruçamos para avançar em interpretação mais ampla não circunscrita exclusivamente ao dado estatístico, na investigação da questão que delimitamos para esta pesquisa. Foi elaborada planilha mediante o estudo do qual fizemos a análise e a identificação das principais características de cada texto. Esta escolha foi embasada na concepção de que é a questão a ser estudada que define o método para efetivar tal estudo.

O primeiro momento da pesquisa consistiu na identificação, dentro do levantamento realizado, das dissertações de Mestrado e teses de Doutorado em Programas de Pós-Graduação em Educação das IES estudadas. A identificação dos trabalhos pertinentes ao campo foi realizada mediante a pesquisa com base nas palavras-chave e conteúdos dos resumos das obras, elaborados pelos próprios autores. Não nos ativemos unicamente a trabalhos nas Faculdades de Educação. Após, solicitamos, por meio da Biblioteca da Faculdade de Educação da UFMG, cópias dos volumes das obras junto aos programas de pós-graduação. Depois, com auxílio e orientando bolsistas, preenchemos uma ficha complementar de análise do conteúdo das obras, compreendendo a identificação do objetivo, do problema de pesquisa, da abordagem teórica, tipo e metodologia da pesquisa e suas conclusões, terminando com uma apreciação crítica da

leitura feita. Ao final, fizemos uma análise que permitiu mapear a produção acadêmica na área da Educação de Jovens e Adultos, no período de 1996 até 2009, na RMBH, classificando-a a partir da categorização utilizada pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd).

Pretendemos, também, construir publicações como esta, que nos auxiliem a socializar as informações encontradas de forma a contribuir com a EJA nos espaços de Formação de Educadores. Avaliamos que as IES não devem ser vistas como substitutas do Estado; pelo contrário, ao fortalecer a divulgação de suas produções ou mesmo ao apontar lacunas nessas produções dão sinais de seu papel na garantia da efetivação dos direitos sociais, dentre os quais a garantia ao direito a uma educação de qualidade social para todos. Durante nossa prática pedagógica com a EJA, e também na construção de nosso trabalho de doutoramento, foi possível constatar a escassez de material produzido sobre a referida temática por estudiosos desse, do conhecimento, com foco nos educandos jovens negros. Dessa perspectiva, justifica-se a investigação proposta em nossa pesquisa, e aqui relata como um de seus recortes.

Para o estudo da questão central a que nos propusemos, essa foi a metodologia de pesquisa mais adequada que conseguimos desenhar, avaliando o tempo de dois anos de que dispusemos para desenvolvê-lo e a qualidade do trabalho que nos propusemos realizar.

4 A Apresentação

4.1 Apresentação dos dados

Mapeamos a produção acadêmica na área da EJA nas produções de dissertações e teses das Pós-Graduações *stricto sensu* em Educação em IES localizadas na Região Metropolitana de Belo

Horizonte. As IES levantadas foram: a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), o Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET), a Pontifícia Universidade Católica (PUC)⁴, a União Nacional de Administração (UNA)⁵ e da Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR). Foram encontradas dissertações de Mestrado na UFMG, PUC e CEFET; teses de Doutorado na PUC e UFMG.

A partir do referido levantamento, chegamos a um total de 57 produções entre dissertações e teses, concentradas na área da Educação e Licenciaturas, divididas em sete teses e 50 dissertações.

No que diz respeito aos trabalhos sobre EJA catalogados, observamos que esses apresentam um caminho consolidado na área do conhecimento da Educação e nas Licenciaturas em pesquisas desenvolvidas no contexto da RMBH durante o período pesquisado. A partir do gráfico 1, percebemos a regularidade de pesquisas nessa área desde 1996, porém, até o ano de 2003 não havia estudos resultantes de doutoramento e as dissertações não eram em grande número. Entre 2002 e 2003 houve um aumento significativo de dissertações, mas foi em 2007 que esse campo de estudos se apresentou em maior número como resultado de cursos de Mestrado. Ainda não foi possível ver um número significativo de trabalhos resultantes de Doutoramentos, esses continuam em valores muito inferiores aos de Mestrado, que já são poucos diante da necessidade de ganhar visibilidade desse campo teórico, visto que durante o período somente cinco teses foram defendidas na área de EJA.

A análise e classificação construídas na pesquisa contaram com o reconhecimento do percurso analítico que vem sendo construído no Grupo de Trabalho da Educação de Jovens e Adultos (GT18) da

⁴ Em seus campos em Belo Horizonte (Barreiro, Coração Eucarístico, Praça da Liberdade, São Gabriel), Betim e Contagem.

⁵ Em seus campos UNATEC e Faculdades UNA de Contagem.

ANPEd. Nessa direção, optamos por utilizar as categorias analíticas nas quais os trabalhos apresentados nesse GT são enquadrados nas produções que inventariamos no campo da EJA. Tal categorização constitui-se em Alfabetização e Letramento na EJA; Escolarização na EJA; EJA no Mundo do Trabalho; Currículo(s) e Práticas Pedagógicas em EJA; Sujeitos da EJA; Formação de Professores (Educadores) para o trabalho na EJA; Políticas Públicas em EJA.

5 A Categorização

A partir daqui, analisaremos os trabalhos catalogados. Seguiremos, como dito anteriormente, a mesma ordem das categorizações do GT de EJA da ANPEd, dentro daquelas que localizamos, a saber: **ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EJA; ESCOLARIZAÇÃO NA EJA; MUNDO DO TRABALHO NA EJA; CURRÍCULOS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EJA (CURRÍCULO, PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, PRÁTICAS DE ENSINO DE HISTÓRIA, PRÁTICAS DE LEITURA, PRÁTICAS DE NUMERAMENTO, MATERIAL DIDÁTICO); SUJEITOS DA EJA (IDOSOS, JOVENS NEGROS, ADULTOS DO CAMPO, MULHERES ADULTAS, ADULTOS E ADULTAS); FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A EJA (TRABALHO DOCENTE, MODALIDADES DE FORMAÇÃO); POLÍTICAS PÚBLICAS NA EJA.**

Neste artigo, tratamos com ênfase da produção relativa ao foco na temática dos jovens negros presentes na EJA e, portanto, as demais categorias encontradas serão apenas citadas.

5.1 A Temática

Sobre essa temática, nos permitiremos tecer avaliações antes de entrar na análise do único trabalho tratando dos jovens negros presentes na EJA encontrado por nós (SILVA, 2009), por se tratar da temática que vimos estudando ao longo de nossa trajetória de inserção na docência da EJA na Educação Básica e agora como formadora de educadores nas licenciaturas.

A dívida do Estado Brasileiro com os jovens, em especial, com os jovens negros tem as dimensões do país. Segundo dados do IBGE de 2008, o Brasil possui cerca de 50 milhões de habitantes entre 15 e 29 anos, faixa etária denominada "jovem" pelas políticas oficiais. Entretanto, tais políticas ainda não alcançam a maioria desses sujeitos de direitos. Dois milhões de jovens vivem em favelas. A maior parte deles é negra (66,9%) e cerca de 30% deles têm famílias com renda de até meio salário mínimo. Há três vezes mais desemprego entre os jovens do que entre a população adulta.

Pesquisa com 700 jovens negros realizada pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais mostrou que a pobreza era, para 24% deles, o maior obstáculo, à frente do desemprego e do tráfico. Essa é uma das possíveis explicações para termos 22% de jovens de 18 a 19 anos fora da escola sem ter completado o EF. Estudo do Ministério da Educação (MEC) mostra que 29% dos matriculados do 1º ao 9º ano trabalham. A ocupação é geralmente precária, uma vez que, quase metade deles e delas não têm carteira assinada e 71% ganham menos de um salário mínimo. Há ainda outros 20% que não trabalham nem estudam. Essa população é mais suscetível à situação de risco, uma vez que está mais exposta a situações atribuladas. Há 70% mais casos de morte violenta entre os jovens do que na população em geral, pois

são vítimas e vitimados. Segundo o Unicef, um adolescente negro tem quase quatro vezes mais risco de ser assassinado do que um branco.

Entretanto é deles, de nossos jovens negros e pobres, que se cobra a responsabilidade pelo futuro. Por quê? Porque o nosso país tem cada vez mais adultos e idosos do que jovens. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), a participação de sujeitos entre 15 e 29 anos no total da população chegou ao seu pico em 2000. A partir daí, tem baixado de tal forma que, até 2020, o número de brasileiros com 80 anos ou mais deve dobrar, até alcançar a marca de 6 milhões. Assim, os jovens de hoje sustentarão os velhos de amanhã, a si próprios, suas crianças, o país.

Em 2008, seis dos programas do governo foram unificados no PROJOVEM. Destinado a jovens de 15 a 29 anos, o programa deveria promover a reintegração do jovem ao processo educacional, à qualificação profissional e ao acesso à cidadania. A meta anunciada previa alcançar a totalidade de jovens vulneráveis no País. Menos de um quinto deles foi atendido no primeiro ano, revelou um levantamento do IPEA.

Nós, estudiosos da temática, temos pesquisas que nos autorizam afirmar que a educação na e da juventude parece se manter por um fio. Um levantamento do Unicef revela que cerca de 1,5 milhão de jovens entre 15 e 17 anos estão fora da escola. Há 1 milhão de jovens analfabetos absolutos em nosso país. Dentro desse total, o número de jovens negros analfabetos, na faixa etária de 15 a 29 anos, é quase duas vezes maior que o de brancos.

O desinteresse pelos modelos curriculares e pelas aulas trabalhadas é outra causa importante da evasão ou de “serem evadidos”. Sem que a educação formal os encante, muitos jovens deixam as aulas, ficando, geralmente, poucos anos fora da escola. Mas voltam. E voltam para a EJA. Nossos jovens negros pobres que

sobrevivem ao massacre que as violências lhes impõem, voltam e estão presentes na EJA.

Faz-se necessário afirmar que, nos últimos anos, o processo de mudanças chamado de “juvenilização” vem se intensificando e provocando alterações significativas na EJA. Ressaltamos que adolescentes, jovens, adultos e idosos sempre estiveram presentes na Educação de Adultos, como é possível observar em Freire (1995):

Os critérios de avaliação da idade, da juventude ou da velhice, não podem ser os do calendário. Ninguém é velho só porque nasceu há muito tempo ou jovem porque nasceu há pouco. Somos velhos ou moços muito mais em função de como pensamos o mundo, da disponibilidade com que nos damos curiosos ao saber, cuja procura jamais nos cansa e cujo achado jamais nos deixa imovelmente satisfeitos... Somos moços ou velhos muito mais em função da vivacidade, da esperança com que estamos sempre prontos a começar tudo de novo, e se o que fizemos continua a encarnar sonho nosso, sonho eticamente válido e politicamente necessário. Somos moços ou velhos se nos inclinarmos ou não a aceitar a mudança como sinal de vida e não a paralisação como sinal de morte... O melhor tempo para o jovem de 22 ou de 70 anos é o tempo que se vive. ... O ideal é quando se junta à disponibilidade da juventude a sabedoria acumulada do “velho” que se manteve jovem. (FREIRE, 1995, pg 56 e 57)

Entretanto, atualmente, os motivos que trazem os jovens de volta à escola que abandonaram ou pela qual foram abandonados há não muito tempo, são outros. Com isso, surgem novos desafios para educadores da EJA aqui entendidos como: professores, pedagogos, diretores, auxiliares de serviço, bibliotecários, porteiros e outros profissionais da educação que veem o ambiente escolar se modificando com novas formas de linguagem, aprendizagem, cultura e convívio e, assim, demandando a modificação de suas práticas pedagógicas também.

A educação de jovens e adultos é compreendida como um processo dialético e dialógico de formação humana, que abrange todos os aspectos da existência dos sujeitos que a integram. O pressuposto dessa compreensão é o próprio fazer educativo, cuja efetividade se dá não apenas na sala de aula ou na relação entre os diversos sujeitos e entre esses e seus pares, mas em todos os movimentos que ocorrem na escola e na relação da escola com a comunidade.

Quanto aos sujeitos educandos, uma de suas especificidades é pertencerem à classe trabalhadora. Assim não falamos de qualquer jovem, mas de um jovem em relação com os mundos do trabalho.

Essas juventudes estão chegando até a EJA, provavelmente, por alguns motivos que julgamos relevantes mencionar. Um primeiro tem relação com o momento econômico pelo qual o Brasil passa nos últimos anos. Com o constante crescimento da economia e geração de postos de trabalho em larga escala, muitos jovens são atraídos pelas oportunidades de trabalho, e aqueles que as alcançam acabam por abandonar a escola, muitas vezes movidos por atender seus anseios pessoais, para ajudar no sustento da família ou até mesmo pela incompatibilidade de horários ou o cansaço físico.

No entanto, um segundo motivo diz que parte desses jovens regressa à escola com o intuito de concluir os estudos devido à exigência imposta pelo mercado de trabalho. Observe-se que a Região Metropolitana de Belo Horizonte vive, segundo dados do DIESSE, situação de pleno emprego⁶ desde o ano de 2010⁷. Muitas empresas

⁶ Em economia, o termo "pleno emprego" significa que todos os fatores de produção (trabalho, capital e ociosidade) são usados em sua capacidade máxima. Em pleno emprego, a quantidade ofertada e demandada de qualquer bem (entre os quais se encontram os fatores de produção) é a mesma. No mercado de trabalho, por exemplo, onde a oferta de trabalho é definida a partir da disposição do empregado de receber certo salário, o pleno emprego significa que todos os trabalhadores que aceitem receber os salários de equilíbrio são empregados. A noção de pleno emprego é compatível com a existência de desemprego, já que a definição tradicional de desemprego é mais ampla, e inclui trabalhadores que só aceitam trabalhar por um salário mais alto que o de equilíbrio.

buscam conseguir certificados de qualidade que exigem um nível educacional mínimo para todos os seus funcionários. Assim, vemos que eles retornam ora pela necessidade, ora pela oportunidade de construir seus conhecimentos e partilharem saberes na EJA, ora pela soma dos dois motivos até aqui elencados.

Importante citar um terceiro motivo, uma vez que alguns jovens são expulsos dos turnos escolares diurnos nos quais estão matriculados ou transferidos de outras escolas por questão de inadaptação às normas disciplinares, por dificuldades de aprendizagem. Muitas vezes insatisfeitos com as práticas pedagógicas utilizadas por seus educadores, os jovens não encontram na escola perspectivas para aquilo que foram buscar (avaliadas aqui várias possibilidades), não conseguem nenhum avanço, não têm nenhum incentivo, não recuperam sua auto-estima, não dialogam e, assim, não encontram motivos para permanecerem nesse ambiente. Como resultado de todo um complexo processo acabam abandonando os estudos e seguindo outros caminhos. Esses, em sua maioria, possuem uma idade incompatível com o ano escolar que estão ou deveriam estar cursando e, por isso, encontram dificuldades para serem aceitos em outras escolas. Dessa forma, resta-lhes, como última opção em sua trajetória escolar, a EJA.

Os jovens que encontram na EJA algum elemento que lhes permite estabelecer vínculos e relações de pertencimento com o ambiente escolar, provocam uma mudança estrutural e cultural nessa modalidade. Essas mudanças vão além da linguagem, da forma de vestir ou de agir, e ainda são percebidas pelos adultos e pelos idosos que estão no processo.

⁷<<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/contents.do?evento=conteudo&idConteudo=41440&chPic=41440>>.

Muitos desses jovens vão à escola com a ideia de não estudar, ou seja, frequentam a EJA com o intuito de repetir o que faziam nas escolas onde estavam inseridos. Isso vem provocando reclamações e incômodos nos adultos que acabam vendo nisso um motivo ou um pretexto para abandonar a escola.

Alguns educadores também relatam dificuldades encontradas durante as aulas para lidar com esse conflito de interesses dentro da sala de aula. A diferença etária, por si só, na maioria das vezes, determina objetivos diferentes. Alguns adultos e jovens, que já estão no mercado de trabalho, buscam recuperar a oportunidade que, em algum momento da vida, lhes foi negada por algum motivo, ou completar seus estudos, outros jovens ingressaram na escola, por imposição das famílias que os sustentam, por encaminhamento do conselho tutelar e não foram seduzidos a ter a escolarização como um de seus objetivos de vida.

Mais um fator que vem provocando certo desconforto entre essas gerações diz respeito à capacidade de assimilação dos conteúdos. Enquanto os jovens o absorvem mais rapidamente, em função da vivência escolar mais recente, os adultos demandam, às vezes, de um tempo e dedicação maiores. Isso vem criando uma intolerância bilateral e provocando o abandono da escola, tanto de jovens como de adultos. Entretanto, não evadem, pois, no ano seguinte, lá estão eles novamente superlotando as salas de aula de EJA nos primeiros meses de aula.

Também, em alguns casos analisados, como o de SILVA (2010), o conflito geracional concretiza-se muito mais pelas disputas e tensões existentes no ambiente extra-escolar, do que propriamente a diferença entre os “ritmos” de cognição.

Assim, o ambiente escolar da EJA passa por um processo de adaptação lento, porque nele estão envolvidas as questões etária,

didática, espacial (ambiente escolar) e, notadamente acentuada, cultural.

Nessa perspectiva, as insatisfações manifestas no interior da relação juventude e escola, focadas, muitas vezes, na insatisfação com as práticas pedagógicas vivenciadas, mesmo aquelas avaliadas "inovadoras", são expressões de uma insatisfação mais profunda e, portanto, nem sempre manifesta.

As marcas construídas pelo caminhar da EJA denunciam a situação de exclusão que caracteriza os educandos que lá estão, reafirmam a necessidade da valorização da sua condição humana num contexto amplo e aderem a uma abordagem que entende educação como direito desses sujeitos. Uma Política Pública de Estado da Juventude necessita planejar sua organização e sua gestão, avaliando uma atuação e uma afirmação, isso é, um reconhecimento do jovem educando negro pobre como sujeito. Com todos os equívocos próprios de uma caminhada vivenciada coletivamente, construída a muitas mãos, muitas e diferentes existências, muitas diferentes diferenças, muitas proposições e que se propõem a desenhar algo novo e diferente, a Política Pública de Estado das Juventudes presentes na EJA desejável não se espelha na falta, na carência, na ausência em relação aos valores do mundo letrado. Assim também uma Pedagogia da Juventude precisa refletir seus próprios sujeitos, com uma perspectiva positiva, em especial, em relação ao jovem educando negro pobre.

Segundo o trabalho de SILVA (2009), que procurou conhecer o perfil do aluno jovem negro de EJA, esse jovem está em busca do primeiro emprego, participa de forma bastante tímida de movimentos culturais e possui percepções diferenciadas e ambíguas desse lugar de pertencimento.

6 A Conclusão

Finalizamos esse recorte no estudo Estado do Conhecimento com um panorama de 57 produções científicas no campo da EJA. Após as leituras e análises, destacamos que a maioria deles teve cunho qualitativo e quando não, utilizaram o cruzamento de dados qualitativos com dados quantitativos, e entendemos que isso evidencia o tipo de metodologia utilizada para a realização dos referidos trabalhos, baseada em roteiros de entrevistas e estudos de casos. Posposto, sugerimos que a produção científica de cunho quantitativo nessas áreas ainda é pouco comum.

Atentamos também para o reduzido número de teses de Doutorado em todas as áreas aqui determinadas. Desde a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/96), até o ano de 2009, oito teses foram defendidas. Destacamos que não houve teses que abordassem os temas da escolarização, do mundo do trabalho e dos sujeitos da EJA, estando esses temas abertos a necessárias discussões científicas em nível de doutoramento.

O campo da EJA ainda se esforça para se tornar mais presente nas políticas públicas da educação brasileira. O objetivo maior dessa luta é garantir o direito público subjetivo à educação básica, presente na Constituição Federal de 1988 às pessoas que não conseguiram se escolarizar/alfabetizar na idade prevista em lei para as crianças e os adolescentes.

Assim, não nos causou estranheza constatar que discussões outras acerca de um novo panorama da Educação destinada a Jovens e Adultos também circundaram nossos achados de pesquisa. Alguns autores pontuaram o recente aumento no número de matrículas de jovens, com idade entre 15 e 18 anos, na EJA. Essa “juvenilização” dos alunos coloca-se como grande desafio para as escolas e educadores

da EJA que se veem instigados a criar uma nova proposta pedagógica que pretenda acolher todos os sujeitos que busquem uma vaga na EJA. Quando não se sentem aptos a criá-la, acabam por adaptar currículos e propostas pedagógicas não adequadas para o trabalho com Jovens e Adultos trabalhadores. Outra discussão, que foi apontada por outros autores, foi o recente processo de escolarização da EJA em detrimento de uma educação pautada em conceitos e princípios emancipatórios, coletivos, sociais e cidadãos. Nesse momento, fazemos nossas as palavras de Arroyo (2006):

Continuo defendendo que estamos em um momento muito delicado para a EJA: ou diluí-la nas modalidades escolarizadas de ensino fundamental e médio vistas como a forma ideal, ou configurá-la como um campo específico do direito à educação e à formação de coletivos marcados por constantes sociais. Defendo esta segunda alternativa, ainda que mais complexa e desafiante para a pesquisa, a teorização e a formulação de políticas e normas. Considero que estamos em um tempo oportuno, propício para tentar essa configuração com sua especificidade. Sem dúvida que essa tarefa exige superar improvisações e amadorismos, porém exige, sobretudo, não jogar fora a rica diversidade e a abertura que caracterizam essa história: não ter esquecido a especificidade dos coletivos sociais jovens-adultos populares. (ARROYO, 2006. p. 34)

Concluimos o recorte de pesquisa, descrito neste artigo, afirmando a necessidade do investimento em pesquisas nas Instituições de Educação Superior da RMBH no que se refere a EJA, em especial, aos jovens educandos negros presentes nessa modalidade. A quase ausência de trabalhos nesse âmbito é mais um entrave para a visibilização da relevância dessa temática como uma das formas de contribuição para o êxito da busca por escolarização/educação dos sujeitos jovens educandos negros da EJA. Esse é um reflexo da pouca efetivação das políticas públicas de

juventude implantadas hoje por gestores nos três níveis dos entes federados. E são esses os sujeitos, na sua grande maioria, presentes na Educação de Jovens e Adultos, em particular, nas redes públicas da Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Referência

ARROYO, M.G. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, L.; GIOVANETTI, M.A.G. de C.; GOMES, N.L (Orgs.) *Diálogos na Educação de Jovens e Adultos*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 44. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HADDAD, Sérgio. *Novos caminhos em educação de jovens e adultos - EJA*. 1. ed. São Paulo: Global, 2007. v. 1. 256 p.

SOARES, Magda. *Alfabetização no Brasil, estado do conhecimento*. Brasília: INEP, MEC, 1989.

SILVA, Jerry Adriani da. *Um estudo sobre as especificidades dos/as educandos/as nas propostas pedagógicas de educação de jovens e adultos – EJA: tudo junto e misturado!* Belo Horizonte: UFMG/FAE, 2010. (Dissertação de Mestrado). 191p.

Trabalho analisado que trata da temática aqui focalizada

SILVA, N.N. da. *Juventude, EJA e relações raciais: um estudo sobre os significados e sentidos atribuídos pelos jovens negros aos processos de escolarização da EJA*. 2009. Dissertação (Pós-graduação em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

* Recebido em maio de 2013

* Aprovado em junho de 2013